

UMA HISTÓRIA LI(N)DA!
CONTO

O pipoqueiro rico

Por Gislaine Buosi

Seu Juca era o pipoqueiro – meia idade, sorridente, óculos de lentes grossas, calça azul de riscado fino, bem gasta, camisa quase branca. Trazia o guarda-chuva enganchado no carrinho de pipocas – o carrinho que acomodava o universo de doces que enchiam de gulodice os olhos das crianças.

— Seu Juca, faz fiado?

E ele sorria. Dona Alice era a esposa de Seu Juca. Ela trazia consigo, pendurada ao pescoço, uma medalhinha com a fotografia de uma criança, por vezes, olhava pro céu, pra medalha, e a beijava. Era a Dona Alice quem fazia os cartuchos de amendoim, quem acertava o sal e o açúcar das pipocas, quem montava as caixinhas de surpresa – que, de fato, eram surpreendentes: guardo ainda um anelzinho de pedra vermelha. Ela também recebia e fazia o troco, garimpando as moedas da latinha. Eu achava que eles eram muito ricos – a lata de moedas estava sempre cheia, barulhenta.

Um dia, perguntei ao Seu Juca:

— Por que o senhor não compra uma calça nova?

Então o Seu Juca comprou uma calça nova, com cara de velha, muito parecida com a antiga, talvez o riscado menos fino.

Lembro-me da tarde em que, de repente, começou a chover, e então Seu Juca abriu o guarda-chuva, e continuou chovendo dentro do guarda-chuva que, àquela altura, estava remendado com um pedaço do pano de riscado fino.

Um dia Seu Juca falhou – saí do colégio, e o carrinho de pipocas não estava estacionado na esquina – uma esquina sem cor nem calor naquela tarde de julho. Desconfiei que um resfriado poderia tê-lo deixado em casa.

Tempos depois, Dona Alice apareceu, sozinha, empurrando o carrinho de pipocas. O cordão pendurado ao pescoço trazia duas medalhinhas, de vez em quando ela olhava para o céu...